

PROFISSIONAIS DE SAÚDE DIANTE DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO UMA OPÇÃO DE CUIDADO: VISÃO DOS USUÁRIOS

GLAUCIA FRAGOSO HOHENBERGER¹; FERNANDA GROSSELLI²; ANE RIKIE
HAYASHIDA HERNANDES³; ANDRIELI DAIANE ZDANSKI DE SOUZA⁴; TEILA
CEOLIN⁵; RITA MARIA HECK⁶

¹Faculdade de Enfermagem (FEn)/Universidade Federal de Pelotas (UFPel). glaugfh@hotmail.com

²FEn/UFPel. nandinhagrosselli@hotmail.com

³FEn/UFPel. aneriekie@gmail.com

⁴Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPel. andriele_zdanski@hotmail.com

⁵Professor Assistente da FEn/UFPel – teila.ceolin@ig.com.br

⁶Professor Associado da FEn/UFPel - rmheckpillon@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A abordagem dos aspectos culturais na compreensão da experiência de doença, e das práticas de saúde adotadas pelo indivíduo e sua família, têm um papel importante, inclusive no sistema formal de prestação de serviços de saúde, o qual é apenas um entre tantos outros modelos (OLIVEIRA, 2002).

Nesse sentido, KLEINMAN (1980) identifica três setores dentro do sistema de cuidado à saúde, o popular (família, comunidade, rede de amigos, grupos de apoio e autoajuda), o *folk* (agentes especializados seculares ou religiosos, mas não reconhecidos legalmente na sociedade) e o profissional.

Diante do uso das práticas populares de cuidado, destacando as plantas medicinais, surgiu a necessidade de integrar conhecimentos populares e científicos, sendo criada então a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS). Essas políticas visam legitimar várias práticas de cuidado como uma opção de recurso terapêutico. Em contrapartida, mesmo com a criação desta, os profissionais de saúde possuem resistência em compreender estes diferentes sistemas de cuidado que a população perpassa (SOUZA, 2013).

Nessa perspectiva, torna-se oportuno compreender a importância que as plantas medicinais vêm assumindo no SUS. Cabe lembrar, que essa prática de cuidado como escolha unilateral, perde força diante dos esforços pela cooperação e complementariedade entre a biomedicina e as práticas populares de cuidado (ANDRADE; COSTA, 2010).

O presente trabalho tem por objetivo investigar a visão dos usuários para com os profissionais de saúde diante do uso de plantas medicinais como um recurso para o cuidado.

2. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa e descritiva vinculada ao projeto “Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica na região Sul do RS”, desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas e pela Embrapa Clima Temperado. A população estudada foi composta por nove participantes, os quais eram descendentes da zona rural do município do Capão do Leão/RS. Para a seleção dos participantes, aplicou-se a metodologia *snowball sampling* (GOODMAN, 1999). Foram utilizadas como instrumentos a entrevista semiestruturada e a observação simples, com

registro fotográfico das plantas medicinais. As informações foram coletadas no período de julho a agosto de 2010 e o local de estudo foi o domicílio dos participantes. O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (072/2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com idosos vinculados a um grupo de idosos conforme indicação da secretária municipal de saúde. Para FREITAS e COSTA (2011), os idosos ganham significados diversos conforme os contextos da sua época, tendo atualmente notoriedade nos discursos sobre o conhecimento popular e credíces que o modelo profissional de saúde muitas vezes desconhece ou não tem autonomia para trabalhar.

Acredita-se que o modelo biomédico contemporâneo prevaleça como hegemônico diante dos diferentes sistemas de cuidado, todavia é preciso compreender que estes sistemas devem se complementar. Diante desse paradigma, o sistema profissional ainda encontra dificuldade em aceitar as plantas medicinais como recurso terapêutico, isso é evidenciado no discurso de uma das participantes.

“...eles não dizem nada né, só dizem que o chá não faz muito bem.”

No Brasil, as plantas medicinais estão sendo legitimadas, porém é preciso que os profissionais tenham conhecimento dos diferentes sistemas de cuidado, permitindo desta maneira ampliar a atuação na prevenção e promoção da saúde. Essa fragilidade no conhecimento sobre plantas medicinais pode ser percebida no seguinte discurso.

“... no posto de saúde eles não dão orientação sobre os chás...”

Acreditamos que isso possa estar relacionado à ausência de capacitações sobre esse assunto. Ressalta-se ainda que essa temática é pouco contemplada nos currículos de graduação (ALVIM et al., 2006), dificultando dessa maneira o aprendizado e a visão dessas práticas de cuidado.

Conforme a prerrogativa supracitada, os usuários não têm como sanar suas dúvidas quanto à terapêutica utilizada, tendo assim, no sistema profissional, apenas a alopatia como opção de cuidado.

“...não são muito de plantas [...] eles só acreditam em remédio”

Para ANDRADE e COSTA (2010), no campo dos cuidados em saúde, as noções de integralidade ou complementar remetem a uma delicada discussão acerca de sua viabilidade, visto que os profissionais nem sempre conseguem articular os diferentes sistemas de cuidado, reproduzindo o modelo biomédico acriticamente e impondo o conhecimento científico, reprimindo o usuário de expor os cuidados que utiliza em conjunto com a medicina alopática.

4. CONCLUSÕES

O desconhecimento do uso das plantas medicinais pelos profissionais percebida pelos usuários, pode estar relacionado à fragilidade na implementação da PNPIC, seja pela falta de capacitação de recursos humanos, pela falta de incentivo dos gestores ou pela falta de articulação entre diversos setores da sociedade. Acredita-se que há a necessidade de mudanças de paradigmas na organização assistencial em saúde, incidindo também no modelo de formação

dos profissionais, possibilitando profissionais mais seguros em orientar adequadamente os diferentes sistemas de cuidado que existem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J.T.; COSTA, L.F.A. Medicina complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia médica. **Saúde e Sociedade**, v.19, n.3, p. 497-508, 2010.

ALVIM, N.A. et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v.14, n.3, p.1-9, 2006.

BARBOSA, M. A. et al. Terapias alternativas de saúde x alopatia: tendências entre acadêmicos de medicina. **Revista Eletrônica de Enfermagem (online)**, v.3, n.2, 2001.

FREITAS, S.A.; COSTA, M.J. A identidade social do idoso: memória e cultura popular. **Revista Conexão UEPG**, v.7, n.2, p.203-11, 2011.

GOODMAN, L.A. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**. ISEC-ETSIAM, Universidad de Cordoba, v.32, n.1, p.148-70, 1999.

KLEINMAN, A. **Patients and healers in the context of culture**: an exploration of the bordeland between anthropology, medicine and psychiatry. California: Regents, 1980.

OLIVEIRA, F.A. Anthropology in healthcare services: integrality, culture and communication. Interface: **Comunicação, Saúde, Educação**, v.6, n.10, p.63-74, 2002.

SILVA; K.L.; SENA, R.R. Integralidade do cuidado na saúde: indicações a partir da formação do enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.42, n.1, p.48-56, 2008.

SOUZA, A.D.Z. **Enfermeiros da atenção básica e política de plantas medicinais e fitoterápicos**. 2013. 85f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.